

A pulsão invocante*

Do mal-entendido ao grito

“Se não esperas o inesperável, não o descobrirás,
pois que é inexorável e sem via de acesso.”
Heráclito¹

Para nos aproximar do objeto da psicanálise, vamos nos voltar para a direção da pulsão invocante.

Primeiramente, examinaremos sua singularidade. Em seguida, tornaremos precisa a mudança que cria na transferência e seu liame com o trauma de acordo com a forma com que é tratado por Freud ou Lacan.

Finalizaremos com base naquilo que a convoca a partir do grito de Don Juan na ópera de Mozart.

Sua singularidade: a volta do pulsional

Onde o inaudito se faz ouvir

Como propõe a língua, ouvir pressupõe uma tensão em direção ao interior. O que a psicanálise avança é que este movimento se dirige a uma presença íntima², receptor subitamente criado, quando o Outro primordial “se arrisque de um só golpe de nos surpreender e de nos precipitar do alto de sua aparição”³.

Mas, neste tempo de pura receptividade, não resta nada a ouvir para o psicanalista que leva em conta a desmontagem da pulsão⁴ porque descobriu, em sua análise e na análise de seus analisandos, que o receptor advém com “Tu de devoção”.

Este “Tu” não é a segunda pessoa do discurso que responde a seu interlocutor, a primeira pessoa do discurso⁵. Este “Tu” é uma presença *suposta, ainda não definida* que, assim que é invocada, dirige um “sim” inconsciente à invocação espantosa do Outro, assegurando que ela o *ouviu bem* e que ela se vota, ao mesmo tempo, a advir emissor de um *bem-dizer*.

Essa volta do pulsional muda a disposição habitual do que foi *ouvido*. Não se trata de fazer ouvir o ouvido limitado de sentido que transmite o real dominado pelo simbólico e pelo imaginário, antes, que *uma outra parte do real, oculta até então*, indomável porque não ligada ao imaginário e ao simbólico, *se faça ouvir pelo ilimitado do som*.

¹ *Fragments*, 66 (18) PUF.

² Reportar-se a minha comunicação “O íntimo” nos atos do Colóquio de Besançon e “Uma presença anônima”, editada pelos atos do Colóquio da **Convergencia** de janeiro de 2002, bem como aos textos do site da *Insistence*: www.insistence.asso.fr

³ Jacques Lacan, Seminário *L'éthique de la psychanalyse*, Seuil, p. 69.

⁴ Jacques Lacan, Seminário *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Seuil, pp.147-169.

⁵ Na verdade, o “eu”.

O que é posto em movimento pelo movimento que se dirige a este “Tu” que consente com a invocação do Outro primordial não é simples. É até mesmo inesperada a coabitação durante um instante imemorable, mas inesquecível, de dois tipos de real⁶ antinômico transmitido um pelo sentido; outro, pelo som. Nada predisponha ao encontro deles desde que a saída do recalque originário os separara como dois estranhos. A volta da pulsão invocante faz voltar a esse tempo esquecido, cuja tensão do reencontro é resolvida pela criação do Sujeito do inconsciente no qual o inaudito se faz ouvir⁷ como não-sentido e *se eclipsa*. Portanto, não poderia ser esquecida.

Assim, nada é mais como antes. Ter ouvido, além do que é ouvido, o *não do ainda não* ouvido, faz vacilar a consistência do já ouvido que é a significação. Este é o movimento pulsional que tentaremos seguir agora na transferência.

Seu valor na transferência

Do olho fixo a partir do que vê

Primeiramente, observemos que seu desdobramento não é evidente. O pensador que somos, dirigidos pelo que Freud chamou o eu, comumente só ouve a significação a ponto de poder *cair* doente.⁸ Essa fixidez que é a tumba é a consequência lógica da falha da significância. O pensamento a favorece ao esquecer o tempo originário pulsional em que a linguagem, transmutando o instinto em pulsão, abriu o mundo ilimitado da significância. O movimento pulsional faz legar ao húmus da linguagem que é o homem sua posição horizontal para que o horizonte *se faça ver e ouvir*.

A transferência pressupõe que não seja impossível redirecionar-se para esse tempo esquecido. O problema é que um guardião se interpôs entre o apelo do Outro e o *porvir* que é o Sujeito.⁹

Este olho da consciência supervisiona o mundo onde o humano cresce, fazendo-lhe crer no único campo de significações que ele (o campo) dá vazão. Ele bem que gostaria de aceitar a memória inconsciente que é o recalco, sob a condição de que esta medida não leve à consequência seguinte: suscitar o recalco, tudo bem, mas a aceitação do recalco no sentido do *jamaiz visto, jamaiz ouvido*, já isso não. Ele não pode virar as costas àquilo que já conhece e se voltar para o que não conhece ainda, o recalco originário.

Acampado em si mesmo, não vê nada além do fixo, ou seja, o que não poderia advir. Ele vigia, supervisiona este saber que já está lá, usa de todas as estratégias para se sair bem. Se houver necessidade, ele se fará de rogado para se manter. Ele está pronto para tudo, até de afrontar a angústia. Seu último recurso para reduzi-la é o superego e o universo de culpa que ostenta.

⁶ Estes dois reais antinômicos que se encontram, comemoram o encontro do deus do som, Dioniso, e do deus da forma, Apolo. A cena trágica, ela própria na origem da psicanálise, vem deste inesperado.

⁷ Em nosso ponto de vista, Lacan transmite pelo “gozo-sentido” [*jouïe-sens*, jogo de palavras com a pronúncia de *jouissance*, “gozo”]. Trata-se de uma palavra-valise, ou *porte-manteau*, segundo a gramática, que condensa duas ou mais palavras em uma única. N.T.

⁸ A depressão, por exemplo, resulta da fixidez a uma única significação que poder ser “sou apenas isso, este objeto caído, este dejetivo preso ao chão por uma pressão que me impede de me reerguer”.

⁹ Este é o esquema L de Lacan.

Desde sempre, ele escolhe evitar que a má notícia que faria soçobrar o seu eu-mesmo: há o *incontrolável*. Aquilo que toma seu tempo, sempre seu tempo, é a manutenção das fronteiras especulares no interior das quais ele inventou uma representação descontínua do tempo¹⁰ à imagem daquela do espaço¹¹. Armado com esta visão definida, de uma vez por todas, do tempo e do espaço, pensa que pode saber tudo, pois que o indomável não existe.

Sob o olhar que ouve o que se vê

O divã é o dispositivo para ir além deste des-conhecimento de si mesmo.¹²

A psicanálise da transferência toma como suporte da vinda inesperada de uma falha nesta construção estática onde a dominância de um olho que vê, mas que não ouve, repousa na clivagem entre o objeto olhar e o objeto voz¹³. Ainda que Freud não a formule nesses termos, o ensino de Lacan e a prática da transferência articulada à desmontagem da pulsão, fazem retorno nesse momento de separação para tender na direção do tempo originário em que a pulsão invocante e a pulsão escópica davam-se as mãos.

A regra fundamental visa a esse horizonte, o porvir de um olhar “*não se sabe de onde*” porque não é mais um olhar que vê, mas um olhar que ouve¹⁴. Qual será a novidade que surgiu quando foram colocados em continuidade o olhar e a voz? No *há* do real que excede o simbólico e o imaginário, má notícia para o olho que não ouve, a inesperada boa notícia é substituída, *há* um olhar que se encarrega deste real e que não está mais limitado ao ver porque ele ouve.

Isto não é evidente. Só depois que o pensador que ele é tenha perdido seu latim que o ser falante a advir pode *se fazer ouvir* no concerto do mundo. Até então, ele não sabia que poderia ser o intérprete do encontro entre o som e o sentido.

Esta criação traz uma outra perspectiva. A má notícia para o eu que Freud nomeia, a partir de Lipps, “sideração” □ do mesmo modo como sobrevém o ininteligível, o incompreensível, o enigmático¹⁵ □ para que seja transmutada em boa notícia porque ela traz a promessa de “lá vir”¹⁶ o inesperado que é o Sujeito do inconsciente.

O psicanalista *tende* nessa direção. Ele não escuta somente as histórias, porque sabe que ele pode ser introduzido, neste momento de ruptura do sentido, ao retorno pulsional que fará nascer, mais uma vez, ao homem de palavra.

Se o mal-entendido da “sideração” não é desesperador, se ele não desespera sua vinda, é porque ele sabe que anuncia que *há* um outro tempo, diferente do tempo recortado e limitado do espaço especular onde reina o eu. Ele sonha com Heráclito e sua descoberta de um tempo não

¹⁰ Que suplanta o fluxo temporal da pulsão, à revelia do tempo contínuo de Heráclito esquecido pelo tempo descontínuo de Parmênides.

¹¹ Em que a imagem especular, i(a), é uma força limitada pela nodulação do real, simbólico e imaginário.

¹² No original, “*me-connaissance*”, o prefixo *me* □ faz uma de duas palavras: *méconnaissance* [“desconhecimento”] e *me* [“me”], pronome pessoal de 1ª pessoa do singular entre os sentidos de ‘desconhecimento’ / ‘conhecimento’ de si mesmo. Como na nota 7, acima, trata-se de uma palavra-valise, ou *porte-manteau*, segundo a gramática, que condensa duas ou mais palavras em uma única. N.T.

¹³ Sob a denominação de objeto, evocamos o objeto da fantasia que é fixo, diferente do objeto da pulsão articulado ao movimento da pulsão.

¹⁴ Alain Didier-Weill, *Lila et la lumière de Vermeer*. Denoël, Février, 2003.

¹⁵ Sigmund Freud, *Le mot d’esprit et ses rapports avec l’inconscient*, Idées/Gallimard, 1978, pp. 2-3.

¹⁶ O autor usa o neologismo *l’â-venir*, *lâ* [“ali”, “lá”] + *avenir* [o “porvir”] + *venir* [“vir”]. Trata-se, novamente, de uma palavra-valise, ou *porte-manteau*, intraduzível neste caso. N.T.

mensurável¹⁷, fluido e constante, que lhe faz pensar no contínuo do movimento da pulsão animada por uma “força constante”¹⁸ que não conhece dia nem noite.

Quanto ao analisando, por não ter ainda reconhecido o valor do mal-entendido siderante, suporta o tempo histórico da repetição que o fixa no campo da demanda e da fantasia. Um dia, sem saber por que, exceto que estava afetado por uma certa angústia, deixou-se invadir por uma estranha tensão. Ficou surpreso de se encontrar na cena de sua vida, além do já conhecido princípio do prazer e de desprazer que o reduzia a ser espectador de sua vida.

O que será que o fez confiar neste estrangeiro no momento em que o encontrou? Ele não saberá dizer. Pode somente evocar este encontro imaginando uma transeunte que se põe em movimento em sua direção e depois desaparece, dando-lhe o que ela não tem¹⁹ sem nada pedir. Qualquer coisa, ele não sabe o quê, nele é despertada por essa fugitiva. Ele não poderia esquecê-la. Ela é inesquecível. Mas o que será quem entrou em sua casa e quem o solicita?

A grande proximidade do artista e do psicanalista

Uma troca com um cantor traz um elemento para a resposta. Agora que sua voz elevou-se nos agudos, ele percebeu que “ela escapolia”, dando-lhe a entender alguma coisa de inesperado em relação à lei da tonalidade.

Podemos supor que não era bem sua voz que “escapolia”, mas sim que ele não conhecia o *ainda não* de sua voz que *lhe* escapolia e o invadia. O inaudito deu-se a ele. Ele aí pensa...

Estes testemunhos caminham no sentido de uma grande proximidade entre o psicanalista e o artista na medida em que um e outro têm de responder a respeito da tensão insistente do real indomável quando ela acontece. Será que consentirão na insistência causada pelo mal-entendido da sideração inesperada? Será que erigirão como mestre quem não poderia ser bobo²⁰ deste mal a se corrigir porque não respeita as leis esperadas do verbo e da tonalidade²¹?

Estas duas formas de se dispor ou estar disposto no que respeita o desenvolvimento deste deus oculto que é o real a-histórico de que se encarrega a pulsão invocante estão no núcleo da transferência desde que Freud inventou a psicanálise em resposta ao trauma. Sigamos a forma pela qual essa insistência do real pode habitar o psicanalista com relação ao trauma, uma cura que põe novamente em jogo os diferentes encontros do real traumático para daí fazer ouvir o inaudito e o invisível por meio dos movimentos da pulsão invocante e da pulsão escópica.

¹⁷ “O tempo é uma criança que brinca deslocando os peões do lugar.”, PUF, Fragment 130.

¹⁸ Sigmund Freud, *Pulsion et le destin des pulsions*. Métapsychologie, Idées/Gallimard.

¹⁹ Esta é a forma pela qual Lacan define o amor, além da demanda de amor.

²⁰ Antecipamos quanto à função do Comendador em quem ela não se faz.

²¹ Onde os desvios, que são matemáticos, estabelecem uma hierarquia de valor para se respeitar... até que Arnold Schoenberg e sua música atonal no começo do século XX transmite outro real.

Seu aparecimento

O trauma de Freud e a experiência de “mortificação”

Freud e Breuer apelam para trauma para dar conta dos sintomas no fim do ano de 1892. Eles propõem-no como uma impossibilidade de encontrar a lembrança de uma cena e de abreagir seus efeitos pela imobilidade da memória e fixidez dos afetos.

O inesperado é a pérola oculta sob o termo *Krängung* [“humilhação”, “ofensa”]. Ainda que estivesse anotado se tratar de “*uma dor suportada em sofrimento, calando-se como mortificação*”²², o tradutor substituiu “mortificação” pelo termo mais vago “afetação”. Além do dizer habitual, está escrito pela língua a que a dor do trauma é uma sentença de morte que intervém no ato de tomar a palavra. O que será que significa essa sentença no plano da subjetividade?

Vinte anos se passariam até que Freud retomasse a escrita sobre o trauma para avançar naquilo que ele corresponde à descoberta visual da diferença dos sexos. Quando o furo real, que constitui a falta do falo na mãe, vem ao encontro de Serguei, “o homem dos lobos”, ele é imediatamente reduzido como sujeito ao objeto que cai no chão, fezes²³, a “sentença de morte” de sua posição subjetiva como contemporânea à “sentença de morte” da presença simbólica da mãe. O que há para se dizer quanto à nodulação do simbólico e do imaginário?

Ainda que, até então, o real estivesse encadeado ao simbólico e ao imaginário e que Serguei estivesse numa relação simbólica com a presença simbólica de sua mãe que sucedia à sua ausência, subitamente o vazio o furo pela falta de objeto fálico lhe faz descobrir que há um outro real que não se nodula, real inapreensível da ausência *na* presença que invade e imobiliza: ele só vê isso, só pensa nisso, não é senão isso, esse mal visto, esse dejetivo, que se trata do objeto de queda olhado, as fezes, onde caiu no real como olhar, que se trata da mãe toda inteira reduzida ao olhar da Medusa, mau-olhado que tudo vê, que obtura o furo real da falta fálica que não cessa de olhar para ele. Puro receptor, ele está ocupado e não pode advir como emissor.

Sob esse olhar que dele tudo vê, que sabe tudo a respeito dele, ele descobre que há nele o mal feito. Ele mesmo não se vê senão como mal feito, e não ouve nada além do que o mal na origem do mal-entendido que não cessa de reiterar a voz do Outro superegótico cuja função é de deixar de supor: “você não é mais do que isso, o que cai, que sucumbe, que decai, este dejetivo”.

Mas o que será este real, desprendido do simbólico e do imaginário, demanda além da sentença de morte pelo fixo do olhar que Freud descobre na origem do trauma? O sonho da criança em chamas²⁴ permite adiantar a resposta.

²² Sigmund Freud, “Communication préliminaire”, *Etudes sur l’hystérie* [“Comunicação preliminar”, *Estudos sobre a histeria*], PUF, 1973, p.5.

²³ Sigmund Freud, *Cinq psychanalyises* [“Cinco lições de psicanálise”], PUF, p. 385.

²⁴ Sigmund Freud, *L’interprétation des rêves* [“A interpretação dos sonhos”], PUF, Capítulo VII.

O “furo do trauma” de Lacan e seu achado²⁵

Um pai, que assistiu com grande zelo seu filho que acaba de morrer, retira-se para se repousar um pouco, deixando a guarda dos restos mortais com um senhor de idade. De repente, ele desperta e se precipita na direção do leito que começa a pegar fogo. No mesmo instante, sonha que “a criança está perto do leito do pai, segura seu braço e murmura em tom de censura: □ *Pai, não vês que estou em chamas?*”

A evidência da significação de sonho é a culpa. Sem rejeitar o dado relativo ao barulho das chamas que o despertam, perguntemo-nos se o sonho também nos pode conduzir a Outro lugar, em conformidade com a economia do *Além do princípio do prazer*, nomeado por Freud em 1920, mas presente desde a *Interpretação dos sonhos*, em 1900, quando a intuição que o núcleo do sonho é um furo no saber das associações livres que ele chama *unerkannt* [“inexplicável”]? O que será que falta no saber, na direção para a qual o analista *tende* e de onde o sujeito retirará sua própria origem, porque Freud não hesita em chamá-la “umbigo” do sonho?

Freud permanece retirado, fixado nas representações superegóicas que o encobrem e o campo que elas elegeram como sua casa, o visível e o audível, indutores de culpa.

Dia 12 de fevereiro de 1964, Lacan deixa-se invadir pela audácia deste “umbigo”, no que respeita o não saber aí se percebe como algo que está na origem de um novo saber. Sigamos a passagem do sujeito suposto saber como mestre no saber suposto a um sujeito. Sujeito do inconsciente, objeto da psicanálise.

Temerário, proclama que “a chama nos cega pelo fato de o fogo levar sobre o *Unterleg* [“vencido”], sobre o *Untertragen* [“súdito”], o real” e que “o que o sonho embrulhou, nos escondeu.” É o *Trieb* [“pulsão”] a advir²⁶.

Mas qual real inaudito e invisível que vem a seu encontro para que ele ouse avançar, sozinho, para onde não seja exatamente o barulho das chamas que o desperte, mas o despertar o sujeito do inconsciente, reconhecido sob o puro significante “chama”? Qual será a mosca que o pica²⁷ quando os mestres da IPA se retiram e sozinho, diante do “furo do trauma”, toma a palavra em seu Seminário, não sem estar antes destruído durante alguns meses? Do que será que ele se dá conta “nesta virada em que o sujeito vê soçobrar a certeza que tirava de sua fantasia, lugar no qual se constitui para cada um sua janela sobre o real?”²⁸.

A tomada do “des-ser” que abre a porta até a murada para que o movimento da pulsão surja, “a experiência da fantasia fundamental torna-se a pulsão”, última mensagem do fim da análise deixada por Lacan ao término deste Seminário que o arranca do olhar fixo de seus colegas da IPA.

Quando o umbigo do sonho aparece, podemos supor que o movimento do fluxo pulsional, mantido à distância até então, é aí aspirado: tempo de “gozo-sentido”²⁹ do sujeito que o escoamento fluido do tempo heraclítico postulava em sua época.

O que se percebe é que a infinidade de significantes pode começar a ecoar de outra forma, já que *há* uma parte indeterminada no sujeito.

²⁵ No original, “*Le ‘trou-matisme’ de Lacan et sa trouvaille*”. Há um jogo de palavras relativo à pronúncia de *traumatisme* [“trauma”], a palavra “adequada” e *trou-matisme*, aqui fazendo, simultaneamente, uma referência ao *furo*, “*trou*”, do real, e ao trauma; além disso, a pronúncia de “*trou*” repete-se em “*trouvaille*”. Trata-se, novamente, de uma palavra-valise ou “porte-manteau”, segundo a gramática. N.T.

²⁶ Jacques Lacan, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Seuil, p. 57-59.

²⁷ Modo de evocar o real inapreensível.

²⁸ Jacques Lacan, *Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École* [“Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”], Scilicet I, p. 25.

²⁹ Para entender melhor, consulte a nota 7, acima.

É inacreditável... “Chama” é o achado, o único que vale, representante representativo da pulsão que põe em continuidade o psíquico e o real do corpo.

Esta passagem pelo mundo ilimitado do gozo de que o psicanalista é testemunha, o artista a encontra como testemunha Mozart pela voz de Don Juan.

Um gozo inaceitável: o grito de Don Juan

O retraimento do ídolo

Qual será o horizonte da busca de Don Juan para além dos mal-entendidos que o interpretam como o Príncipe do Mal em seu momento de verdade que representa o diálogo com o Homem de Pedra?

Don Juan dá sua mão como garantia. Pela primeira vez, ele não se esquiva da lei da tonalidade, ainda que fosse ela menor, que lhe impôs o Comendador em sua chegada.³⁰ Mozart mostra um Comendador que não poderia ser bobo, o som em consonância com o verbo e a tensão surpreendente dos acordes de sétima imediatamente resoluto é aceitável.

Na verdade, este senhor e mestre previu tudo, a não ser que seu subordinado seja um ser falante. “*Sisto*”³¹, “*ponho-me diante de ti*” para te responder, de modo algum desarmado na sua frente, proclama Don Juan. Inesperadamente, preso na armadilha por esta audácia, ele ameaça em voz grossa, mas Don Juan afirma e confirma por três vezes, em nome de um “não”, uma posição subjetiva com conseqüências porque o homem de pedra se retira deixando Don Juan sozinho.

É preciso compreender este árbitro do bem e do mal. Veio proceder à coleta das confissões de um culpado e eis que encontra um herético de nenhum modo impressionado pela súbita tensão e corte das sílabas cujo sentido é escandido pelos imperiosos “*recto-tono*”.

O invisível e o inaudito do Outro inesquecível

Deixemos o homem de pedra sair de cena munido de sua fantasia de ídolo³². Uma Outra cena surge, inacessível àqueles que se mortificam na culpa, como acusador, o coro, ou como acusado, Leporello, porque eles continuam a pensar a mesma coisa: “é um enganador, que seja condenado às chamas eternas e amaldiçoado”.

Esta outra cena, ressaltamos, Mozart e Da Ponte entregam-na depois que Don Juan seja arrancado do “semblante” do discurso representado por aquele que não é bobo, o Comendador, por meio de seus repetidos “não”.

Portanto, é necessário que ele seja o único rosto no vazio do furo do trauma, momento em que a terra se abre e soçobra, para entrever e ouvir o invisível e o inaudito do Outro primordial inesquecível que nele invoca a presença chamada por Lacan de “Tu de devoção”. O que será que representa “seu” grito “Ah” diante desta nova cena?

³⁰ A visão do Comendador é ouvida por um acorde de sétima diminuta em lá menor.

³¹ Consoante com sua origem latina, *sisto* indica o movimento de se pôr de pé.

³² Porque se dirige àquele que salta do olhar e não ao homem de palavra, contrariamente ao que ele diz.

Primeira vogal, puro significante antes de qualquer significado, como o grito do humano, é o achado por meio do qual se distingue o gozo obtido do gozo atingido. Ele ecoa a audácia de ter ultrapassado o não essencial³³ do Sujeito Suposto Saber.

O grito de Don Juan e o gozo feminino

Neste exato momento, a ópera de Mozart transmite que *o burlador* de Sevilha reúne-se às divas condenadas à morte depois de terem transmitido este mesmo momento inesperado. Será que ele faria ouvir, como elas, este gozo qualificado de feminino por Lacan e, sem dizer nada, deixa supor que a função fálica não é “não-toda”?

Mozart, em Praga (1787), em Viena (1788) e, em seguida, *urbi et orbi*, pela voz de Don Juan, transmitiu a existência de um gozo “suplementar” que Lacan saberá reconhecer e nomear quase dois séculos mais tarde no seu Seminário *Encore* [“Mais, ainda”].

O artista precedeu o psicanalista.

Paris, 10 de abril de 2003

Jean Chamoille

* Retomada de minha comunicação intitulada “O objeto do mal-entendido” no Colóquio da **Convergencia** em Paris, em 25 de janeiro de 2003, sobre “O objeto da psicanálise”. Na medida em que o grito de Don Juan foi um momento importante no trabalho de transferência desenvolvido durante meu seminário sobre “A interpretação” e que esta colocação já estava feita no momento de minha comunicação, ela encontrou seu lugar neste texto. Os participantes do seminário de Alain Didier-Weill, seus leitores, terão reconhecido no meu texto o reenvio de seus desdobramentos.

³³ Jacques Lacan, Jacques Lacan, *Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École* [“Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”], Scilicet I, p. 25.